

# *Mnemosyne kai Sophia*

José Augusto Ramos  
Nuno Simões Rodrigues (coords.)

## REGISTO E MEMÓRIA. ARRIANO E PLUTARCO SOBRE ALEXANDRE

MARIA DE FÁTIMA SILVA  
Universidade de Coimbra

*Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra*

Que a historiografia e a biografia, cada uma a seu modo, de acordo com métodos e objectivos distintos, são terreno de registo e de memória, é afirmação incontroversa. É deste princípio geral que partiremos para uma abordagem de dois textos centrados numa mesma personagem, Alexandre o Grande, rei da Macedónia: *Anábase de Alexandre*, de Arriano, e a *Vida de Alexandre*, de Plutarco<sup>1</sup>. Não se trata, no estudo que nos propomos realizar, de insistir nos méritos, maiores ou menores, de cada um destes contributos para a obtenção de um retrato fidedigno do soberano e da sua trajectória de conquistador. A nossa atenção irá incidir no testemunho que nos é dado por estes dois textos sobre a forma como Arriano e Plutarco lidaram com os materiais ao seu dispor (fontes orais e escritas, testemunhos plásticos e arqueológicos); ou seja, tentaremos reunir, nos seus textos, opiniões sobre os registos e memórias disponíveis, sobre o seu valor relativo, os critérios a aplicar à sua selecção, de modo a percebermos qual a posição que os dois autores se propunham adoptar dentro de um leque variado – e controverso – de relatos, estimulado por um homem e militar de excelência.

Activos em época próxima (finais do séc. I e primeira metade do séc. II d. C.)<sup>2</sup>, Arriano e Plutarco colocam-se a uma distância semelhante em relação ao rei macedónio e em pé de igualdade no que respeita às fontes disponíveis para as suas narrativas. Tanto mais interessante se torna ouvi-los na avaliação

---

<sup>1</sup> Estes textos passarão a ser referidos neste artigo por *AA* (*Anábase de Alexandre*) e *VA* (*Vida de Alexandre*).

<sup>2</sup> Sobre a actividade literária de Arriano, *vide* Bosworth (1972) 163-185. Dela faz parte alguma biografia – *Vidas* de Díon e Timoleonte –, além de *logoi* do tipo histórico-geográfico – *Anábase de Alexandre*, um relato em oito livros intitulado *Assuntos da Bitínia* (terra natal do autor), uns *Parthica* em 17 livros, e um relato sobre *A sucessão de Alexandre*, em 10. Ou seja, a sua produção reparte-se entre a história, a geografia e a biografia, ocupando o oriente e a campanha de Alexandre um espaço destacado nos seus interesses. Nas palavras de Schwartz *apud* Bosworth (1972) 163, existe em Arriano «um progresso, a partir de monografias modestas ou especializadas, para obras de grande fôlego histórico, e de maior extensão e complexidade». A tendência de atribuir à *Anábase* uma data próxima de 145, Bosworth opõe uma antecipação para 115, questão de interesse para o estabelecimento de uma cronologia relativa entre este texto e a *VA* de Plutarco. Esta última terá sido publicada entre 110-115 d. C., muito pouco antes do ano proposto por Bosworth para a *AA*. Sobre todas as dúvidas na precisão de datas, resta-nos ainda o desconhecimento sobre o acesso que Arriano e o biógrafo de Queroneia teriam entre si.

que fazem desses mesmos registos, e nos propósitos que individualizam os depoimentos que se propõem, por sua vez, fazer.

Parece consensual, para ambos, que os méritos de um combatente como Alexandre poderiam suscitar, dentro de uma antiga tradição literária, o entusiasmo de poetas e cantores para a criação de um poema de tom épico. Aquiles – a quem aliás a tradição associava com a ascendência da corte macedónia (VA 2.1)<sup>3</sup> –, o paradigma inultrapassado do *aristos* no campo de batalha, dependeu em boa parte, para a perenidade e louvor da sua excelência, de ter podido contar com um cantor do nível de Homero (VA 15.8, AA 1.12.1). Tanto Plutarco como Arriano reconhecem, portanto, que a ficção épica é um género «natural», de acordo com uma velha tradição, para celebrar um soberano, fazendo-o ascender ao plano paradigmático dos antigos heróis. Do ponto de vista de Plutarco, Aquiles deixou no jovem Alexandre uma marca genética, que o acompanhou ao longo da vida<sup>4</sup> e pôde explicar as qualidades precoces que o filho de Filipe II desde cedo demonstrou<sup>5</sup>. Por isso, sob forma de um prodígio, a estátua de Orfeu em Libetra<sup>6</sup> suou com abundância, aquando da partida do rei para a grande campanha da sua vida, a que realizou na Ásia; consultados os adivinhos, tornou-se claro «que ele havia de cometer feitos dignos de tal celebração e memória, que custariam a cantores e músicos (ἄοιδίμους καὶ περιβοήτους) muito suor e esforço» (VA 14.9); Arriano (AA

---

<sup>3</sup> Segundo a tradição, no regresso de Tróia, Neoptólemo passou pela Molóssia, onde fundou a dinastia dos Pirriades. Daí a sua relação com Olímpia, a mãe de Alexandre.

<sup>4</sup> Ainda que no âmbito de um outro género, tem sido reconhecida a forma como Plutarco introduziu na biografia que dedicou a Alexandre motivos épicos. No seu artigo «Tragedy and epic in Plutarch's *Alexander*» (1988) 83-95, J. M. Mossman assinala alguns episódios na saga de Alexandre que podem encontrar no Aquiles homérico uma referência; assim a abordagem do Macedónio, retirado do combate e refugiado na tenda (52), pelos companheiros, que tentam movê-lo de um afastamento depressivo, lembra naturalmente a embaixada a Aquiles no Canto IX da *Iliada*; igualmente épica é a descrição das armas de Alexandre, antes do combate decisivo em Gaugamelos (32.8-12), com sucessivas réplicas na *Iliada*, mas com brilho particular na descrição do famoso escudo de Aquiles, do Canto XVIII; do mesmo modo que a batalha contra os Malos representa uma espécie de *aristeia* épica (63.2-10); ou que a dor experimentada pela morte de Heféstion, um companheiro dilecto, e os sacrifícios feitos em sua homenagem (72. 2-5) lembram os que Aquiles dedicou a Pátroclo (*Il.* 23.175 sqq.). Mossman (1992) 109 acrescenta ainda que as características em comum com Aquiles constituem o lado positivo de Alexandre, enquanto o lado trágico – diríamos nós, dionisíaco – representa a sua face negativa.

<sup>5</sup> É sobre uma harmonia psico-somática – «Alexandre era de compleição quente, o que fazia dele um grande bebedor e um espírito colérico», VA 4.7 – que Plutarco estabelece os alicerces da personalidade do rei. A esta matéria prima associava-se, de modo paradoxal, um autocontrole e uma moderação capazes de contrabalançar o que de «impetuoso e arrebatado» havia no seu carácter. Todo este potencial foi posto ao serviço de um objectivo, «o desejo de glória», que «estimulava nele uma determinação e um bom senso excepcionais»; σωφροσύνη, πραιότης, φιλοτιμία, φρόνημα e μεγαλόψυχον são valores que Alexandre partilha com o velho paradigma homérico.

<sup>6</sup> Região da Macedónia, na base do monte Olimpo, ligada ao culto de Orfeu.

1.11.2) é até mais preciso nos talentos que o rei poderia mobilizar, quando fala de «poetas épicos e de autores de coros e de cantos» (ποιηταῖς ἐπῶν τε καὶ μελῶν καὶ ὄσοι ἀμφὶ ᾠδῆν). É portanto com algum desapontamento que o autor da *Anábase* (1.12.2) constata que, apesar das previsões, Alexandre ficou muito aquém de Aquiles neste aspecto; não houve um autor de mérito que lhe fizesse o panegírico, nem em prosa<sup>7</sup>, nem em verso. Nomes como os dos tiranos de Siracusa – Hierão, Gélon, Téron – e outros, que não tinham a estatura de Alexandre, mereceram surpreendentemente um louvor que faltou ao Macedónio, o que – lamenta Arriano – deixou na sombra alguns dos seus feitos.

Dentro dos cultores da historiografia, Xenofonte, com a sua *Anábase*<sup>8</sup> – centrada no avanço de Ciro com os seus 10 000 efectivos, numa aventura militar que não deixa de ser semelhante à levada a cabo por Alexandre –, deu o exemplo de como, dentro de outro padrão literário, mais próximo e sem dúvida inovador, se pode conseguir um efeito encomiástico; por seu intermédio, Ciro ganhou uma «evidência» ou «notoriedade» (ἐπιφανέστερα, *AA* 1.12.3), perante o mundo, muito particular. Ora é por reconhecer a excepcionalidade do Macedónio – «não houve nenhum outro homem que levasse a cabo feitos tais e tamanhos, em número e importância, nem entre os Gregos nem entre os Bárbaros», *AA* 1.12.4 – que Arriano se diz disposto a fazer-lhe o relato (ξυγγραφήν) e a «abrilhantar» (φανερὰ καταστήσειν), perante a Humanidade, os seus feitos<sup>9</sup>. E parece ser em Xenofonte que Arriano – considerado a maior autoridade sobre Alexandre no seu tempo<sup>10</sup> – vai encontrar o padrão mais ajustado à monografia que tem em mente. Distante da épica, esse é um modelo com provas dadas no relato militar especificamente<sup>11</sup>.

Aos diversos tons que Arriano concebe como dignos de Alexandre poderemos acrescentar aquele que concilia a preferência de Plutarco, a biografia. No primeiro capítulo da *Vida* que dedicou ao Macedónio, este

<sup>7</sup> Moles (1985) 164 fala do μακαριασμός, o encómio em prosa. Sobre a verdadeira natureza do relato de Arriano – se encómio ou historiografia –, *vide* ainda Marincola (1989) 186-189.

<sup>8</sup> Se a alusão à tradição historiográfica se faz, neste passo, de modo indirecto, pelo estilo e vocabulário usados, a menção da *Anábase* de Xenofonte é individualizante e o relacionamento com a proposta de Arriano evidente.

<sup>9</sup> Moles (1985) 163 entende que a valorização de Homero como cantor de Aquiles sugere que é uma espécie de segunda *Iliada* o que Arriano se propõe fazer para celebrar Alexandre. Por outro lado, o seu comentário a Arr. 1.12.4-5 valoriza os traços que integram a *Anábase* na tradição historiográfica anterior, de Heródoto, Tucídides e Xenofonte. E situa a intenção de Arriano como um produto literário que corresponde a uma biografia de tom encomiástico. Esta observação reforça alguma proximidade em relação a Plutarco. Sobre a combinação entre o encómio e a verdade, cf. *AA* 7.30.3.

<sup>10</sup> Cf. Bosworth (1976) 117.

<sup>11</sup> Arriano, aliás, tem de afirmar a legitimidade do seu projecto contra o que imagina serem as críticas de alguns que o acharam excessivo para o seu talento (1.12.4-5).

posiciona-se também com clareza em relação aos seus propósitos. Os *erga*, que Arriano tem como prioritários, são agora excluídos, dentro de um plano que pretende ser selectivo nos materiais a usar, de acordo com os objectivos a atingir. O que se perspectiva não é, no caso da biografia, o encómio, mas o desenho de um *ethos*, de um carácter, com a possível verosimilhança. Entre História e Biografia, Plutarco explicita distinções fundamentais<sup>12</sup>: a História tende a apresentar um relato mais exaustivo e focado em factos globalmente relevantes; a Biografia, voltada para figuras individuais, os agentes da História, tira proveito de pequenos episódios, colectivamente insignificantes. Traços que servem o desenho de uma personalidade – o que em geral se chamaria de «excelência» ou «vício» – nem sempre estão presentes, ou visíveis, nos actos mais relevantes; «episódios menores, um dito ou uma anedota, podem ser mais expressivos de um carácter do que batalhas com milhares de mortos, grandes paradas militares ou cercos de cidades» (VA 1.2). Em Plutarco, o gosto pelo particular, pelo erudito, não é um fim em si mesmo; constitui um meio de penetrar no *ethos* humano, para lhe definir os contornos e assim produzir dele uma imagem de certo modo histórica, através de elementos que, de outra forma, dificilmente teriam registo.

Implícitas nos diferentes objectivos estão certamente as fontes mais ajustadas ao tipo de informação pretendida. Se o relato histórico centraliza a importância dos depoimentos de historiadores e cronistas precedentes, de versões oficiais ou «profissionais», a biografia recorre ao pequeno material, como um dito célebre, uma anedota tradicional, uma imagem, a popularidade de um lugar, ou testemunhos pessoais como a correspondência, para captar esse outro tom mais idiossincrático do relato. Para especificar a sua proposta, Plutarco vale-se da tradicional comparação entre a criação literária e a pintura, cingindo-se ao caso particular da biografia e do retrato (VA 1.3); «Do mesmo modo que os pintores<sup>13</sup>, ao produzirem um retrato, se fixam no rosto ou na expressão dos olhos, que são o espelho do carácter, e pouca atenção prestam às restantes partes do corpo, seja-me também permitido dedicar-me sobretudo aos sinais da alma e, a partir daí, retratar a vida de cada um deles».

Determinados os objectivos e os materiais a utilizar, Arriano e Plutarco procedem à reunião, selecção e avaliação das fontes disponíveis. Parece notório, nesta perspectiva, o maior rigor que o *logos* que tem em vista exige a Arriano, apesar da sobreposição dos materiais com que os dois autores se confrontam.

---

<sup>12</sup> Este tópico repete-se em *Gal.* 2.5, *Fab.* 16.6. Sobre o assunto, *vide* Valgiglio (1987) 50-70.

<sup>13</sup> A comparação entre o biógrafo e o pintor repete-se em Plutarco, *Cim.* 2. Sobre este assunto, *vide* Kaesser (2004) 361-374.

Boa parte dos testemunhos disponíveis, quer materiais quer literários, parecem resultar da iniciativa do próprio Alexandre. A preocupação em deixar a marca de uma campanha, de cuja ousadia e novidade tinha consciência, fizeram do rei o primeiro cronista dos seus próprios feitos. O sentido de História que lhe animava o espírito manifestou-se desde logo no respeito pelos sinais de um passado glorioso que não quis apagar da memória dos homens. Mesmo nas lutas mais arrasadoras, como o ataque que, ainda jovem, levou a cabo contra Tebas, a preservação dos sinais da História abriu excepções no campo de ruínas que deixou à sua passagem; assim, a casa e os descendentes de Píndaro, o maior dos poetas da cidade, foram poupados, em homenagem a essa glória do passado (*VA* 11.12, *AA* 1.9.10). Já na Ásia, o Macedónio não deixou de visitar lugares célebres, dentro de um sentido de turismo cultural na Antiguidade, onde deixou o rasto da sua passagem. Os túmulos dos heróis, como expressão de um louvor feito através de outros meios que não a palavra, sem dúvida conciliaram o interesse dos antigos e, por razões óbvias, mobilizaram também a atenção de Alexandre. Decerto simbólica foi a peregrinação que fez, antes de mais, ao túmulo de Aquiles, em Ílion (*VA* 15.7-9, *AA* 1.12.11). Mais do que satisfazer a curiosidade, a visita funcionou como uma romagem; a Aquiles, Alexandre prestou honras fúnebres: ungiu-lhe de azeite a pedra tumular, promoveu jogos atléticos, depositou-lhe coroas na sepultura e declarou-o bem-aventurado. Naturalmente que, do conjunto convencional destes gestos, se percebe a réplica da homenagem que o próprio herói da Ftia prestou a Pátroclo, o seu amigo dilecto. Ao túmulo de Aquiles, certamente um *ex libris* de Ílion, Alexandre acrescentou a visita a vários locais da cidade, «onde a lira de Alexandre» (o seu homónimo Páris Alexandre), pela modéstia da personagem, o deixou indiferente, apesar de constituir um atractivo em geral procurado pelos visitantes. Com este episódio, demarca-se a finura de um homem superior, que procura, acima da banalidade mais ou menos pitoresca, a verdadeira excelência. Arriano (*AA* 1.11.5) transmite uma tradição diferente, ainda que com sentido similar; segundo conta, a primeira visita de Alexandre na Ásia foi ao túmulo de Protesilau, considerado pela tradição como o primeiro dos Aqueus a desembarcar em solo asiático e a primeira vítima da campanha. Por isso, o espírito da visita deixa, neste caso, de ser emulatório, para se tornar apotropaico: que a sua campanha na Ásia lhe fosse mais favorável do que aconteceu a Protesilau. Mesmo que, nas duas versões de um mesmo episódio, o simbólico se sobreponha ao histórico, o princípio do respeito pela tradição parece incontornável.

Como uma espécie de final de ciclo, Alexandre é por ambos os autores (*VA* 69.3-5, *AA* 6.29.4-11)<sup>14</sup> colocado, já a sua campanha e vida

<sup>14</sup> Além da extensão da narrativa para este mesmo episódio, breve em Plutarco e dilatada em

se aproximavam do fim, diante do túmulo de Ciro, o fundador do império persa, que do silêncio de uma lápide lhe enviava uma mensagem expressiva: «Eu sou Ciro, aquele que conquistou para os Persas o seu império. Não me invejes este palmo de terra que me cobre o cadáver». Embora distintas nos pormenores, as duas narrativas – ao que tudo indica baseadas num testemunho comum, o de Aristobulo, a quem o restauro foi atribuído – valorizam a mesma preocupação de Alexandre com a preservação do património histórico: vendo o túmulo danificado, o soberano tratou de o fazer restaurar e de punir os responsáveis.

Outros lugares famosos mereceram a visita do rei. Foi o caso de Górdio, considerada a residência do antigo rei Midas (*VA* 18.2, *AA* 2.3). Ambos os autores sublinham a ampla tradição que havia entre os bárbaros a propósito do carro, dado como propriedade do rei Górdias, o fundador da dinastia frígia, que o palácio albergava; e do desafio que ele representava, prometendo a quem desatasse o nó de fibras de corniso que o atrelavam um grande poder, sobre a Ásia – diz Arriano (2.3.6) – ou sobre o mundo inteiro – amplia Plutarco (18.2).

Pela própria notoriedade, Alexandre contribuiu para legar ao mundo lugares de referência que, tal como aqueles que ele tinha visitado, passaram a suscitar a curiosidade e a visita universais. Plutarco regista alguns que assinalam etapas diacrónicas, mas climáticas, no *curriculum* do Macedónio. Do seu passado de jovem aluno de Aristóteles, Mieza, uma cidade vizinha de Pela, conservou um lugar de estudo, onde – diz Plutarco, *VA* 7.4 – «ainda hoje nos são mostrados os assentos de pedra e as alamedas cobertas de sombra de Aristóteles». Da sua campanha contra Tebas, ficou como testemunho (*VA* 9.3), ainda célebre no tempo do Queroneu, «um velho carvalho, junto ao Cefiso, chamado “de Alexandre”, onde ele, nesse tempo, acampou. A vala comum dos Macedónios não fica longe»<sup>15</sup>. A um documento de valor histórico mais consistente – a vala comum onde se enterraram os invasores –, junta-se o que soa a uma tradição popular, a árvore relacionada com a presença do rei. Já como conquistador da Ásia, Alexandre deixou também uma marca da tomada de Tiro. Neste caso, o tom popular da lenda é mais vistoso. Em sonhos, conta Plutarco (24.8-9), o rei teria visto um sátiro que, depois de um jogo de fugas, se deixava finalmente capturar; da própria palavra *sa-Tyros* os adivinhos inferiram a profecia de que a conquista da cidade estava iminente. Desta lenda, a fantasia popular procurou um registo palpável: «Mostra-se ainda uma fonte, junto à qual Alexandre sonhou com o sátiro». Mas sobretudo um local, de referência

---

Arriano, os pormenores não coincidem, nem mesmo, por exemplo, no que respeita aos termos do epitáfio, ao responsável pela sua violação e ao castigo que lhe foi aplicado.

<sup>15</sup> Como natural da região, Plutarco pode dar sobre a Beócia informações pormenorizadas.



cultural e religiosa no mundo antigo, como Delfos, tornou-se um repositório de testemunhos sobre momentos e personalidades. É sem dúvida simbólica a dedicatória que Crátero<sup>16</sup> depositou no santuário, em memória de uma luta célebre que, no oriente, o rei teria travado com um leão (*VA* 40.4-5). Embora a caça fosse, no dizer de Plutarco, um exercício com que o Macedónio mantinha a forma em tempo de campanha, associado a essa dedicatória esteve um episódio concreto e sobretudo um dito célebre que distinguiu a excelência do homenageado. De um embaixador da Lacónia que testemunhou a façanha saiu o comentário: «Bela luta, Alexandre, a que travaste com esse leão para decidir quem é o rei». Tal cena teve, em Delfos, registo sob forma de uma escultura em bronze, representando o leão, os cães, o rei em luta com a fera e o próprio ofertante, Crátero, que acorria em socorro. Para as figuras, Plutarco indica dois escultores de referência: Lisipo e Leócares<sup>17</sup>. Além desta dedicatória, o retrato de Alexandre figurava entre as múltiplas estátuas dispersas pelo santuário de Apolo (*VA* 74.6).

Mas mais do que deixar ao acaso ou à generosidade dos amigos ou admiradores o registo dos seus feitos, o próprio Alexandre zelou pela salvaguarda da sua memória. Seguiu, aliás, uma tendência geral nas casas reinantes, de que a Macedónia cumpria também a tradição. Observando apenas o depoimento de Plutarco, já Filipe se preocupava em deixar traço, através da numismática, das vitórias dos seus cavalos em Olímpia, de que muito se orgulhava (*VA* 3.8, 4.9)<sup>18</sup>. Desde cedo, na sua vida política, Alexandre teve também empenho em se fazer retratar pelos melhores artistas da época; o resultado obtido condicionou a preferência do rei por Lisipo, que nomeou escultor oficial da corte e o único com direito a retratá-lo (*VA* 4.1-2, *AA* 1.16.4). Das mãos talentosas de Lisipo saíram os traços que passaram a constituir a imagem convencional do rei macedónio: pescoço ligeiramente inclinado para a esquerda e o brilho do olhar. Tão bem sucedido foi o resultado, que muitos dos seus amigos e sucessores pretenderam imitar os mesmos traços, no que passou a constituir um estilo ligado ao rei e aos Diádocos.

<sup>16</sup> Crátero era um dos companheiros mais próximos de Alexandre, sobretudo depois da morte de Parménion, em 430. Veio a ter também um papel relevante após a morte do rei. Bury, Cook, Adcock (1969) 461-470.

<sup>17</sup> Lisipo de Sícion (segunda metade do séc. VI a. C.) foi um dos nomes de referência da escultura grega. A admiração de Alexandre pelo seu talento valeu-lhe ter-se tornado escultor da corte. Foi autor de um número elevado de obras (há quem fale de mais de 1.500 estátuas); *vide* Rocha Pereira (200610) 609-611. Por seu lado Leócares de Atenas foi autor, entre outras, de estátuas criselefantinas de Amintas e Eurídice (os pais de Filipe), de Filipe, Olímpia e de Alexandre, para o Filipeion de Olímpia. Foi um dos quatro escultores que trabalharam no Mausoléu de Halicarnasso.

<sup>18</sup> O volume recém-publicado pelo Ashmolean Museum of Art and Archaeology de Oxford, *Heracles to Alexander the Great*, Oxford, 2011, 8-9, 205-208, refere e reproduz alguma dessa notável numismática do tempo de Filipe.



Apeles<sup>19</sup>, por seu lado, deu de Alexandre o retrato em pintura (*VA* 4.3). Adoptando um padrão mais simbolista – no retrato que dele pintou representou o rei, qual deus senhor do universo, a brandir o raio –, Apeles foi também mais livre no colorido; e por isso a pele, que lhe representou em tom demasiado escuro, contradiz outras tradições, sobretudo literárias, que, pelo contrário, lhe elogiavam a brancura da pele e o rosado do peito e da cara. Este retrato constitui um exemplo de como um registo pode ser infiel e criar desinformação se comparado com outros. Logo, também na arte surge uma polémica, semelhante à que as versões escritas suscitaram.

O crescendo de poder e o excesso inevitável a que o Macedónio não foi também isento teve, na representação dos seus traços, alguma influência. Recorda Plutarco (*VA* 72.6-7) uma proposta extraordinária que lhe foi feita por um artista célebre do tempo – Estásícrates<sup>20</sup> – que, embora recusada por Alexandre, deixou a ideia do exagero a que a preocupação do registo podia conduzir. Conhecido como artista inovador, de estilo grandioso e ousado, este homem propôs a Alexandre transformar o monte Atos, na Trácia, no seu retrato; esta seria «a estátua mais inovadora e extraordinária do rei: com uma cidade de 10 000 habitantes na mão esquerda, e na direita a nascente de um rio, de corrente volumosa, a fluir para o mar».

Estão ainda ligadas a Alexandre as inúmeras cidades epónimas que fundou. Seguindo uma tradição que herdava do pai<sup>21</sup>, o rei usou, para seu prestígio, este recurso desde muito cedo. Quando, apenas com dezasseis anos, exerceu a regência do poder macedónio durante a ausência de Filipe, dominou uma rebelião dos Medos, uma tribo vizinha; no lugar onde tinham a cidade, estabeleceu uma outra urbe, de população mista e portanto mais aberta e ambiciosa, a que deu o nome de Alexandrópolis (*VA* 9.1). Esta seria apenas a primeira das suas cidades epónimas, porque se lhe seguiram algo como 17 Alexandrias, sendo a egípcia a mais famosa e importante de todas<sup>22</sup>. Às fundações, Alexandre acrescentou o

---

<sup>19</sup> Apeles de Cólofon (primeira metade do séc. IV a. C.), tido como o primeiro dos pintores gregos, prestou também os seus serviços à corte da Macedónia, além da actividade que desenvolveu em Atenas e Corinto. Pintava sobretudo retratos; de Alexandre fez vários, integrando neles algum elemento alegórico, como o raio referido por Plutarco. Sobre a actividade de Apeles na corte macedónia, cf. *Heraclès to Alexander the Great*, 209-218.

<sup>20</sup> Magnino (199811) 205 considera haver um erro de referência no nome de Estásícrates, quando se tratava de Dinócrates de Rodes, a menos que o primeiro fosse um colaborador deste último. Dinócrates aparece com frequência referido como o arquitecto de Alexandria (Vitr. 2 pref. 4; V. Max. 1.4.7; Plin., *Nat.* 5.62; Str. 14.1.23; Amm. Marc. 22.16) e, em geral, como um técnico de excepcional competência (Vitr. 2 pref. 1 *architectus cogitationibus et sollertia fretus*; Plin. 5.62, *architectus pluribus modis memorabilis ingenio*; Amian. 22.16.7, *architecti sollertia Dinocratis*).

<sup>21</sup> Este, em 356 a. C., fundou a cidade de Filipos.

<sup>22</sup> São também fontes para a fundação de Alexandria, em 331 a. C., D. S. 17.52, Str. 17.1.6-7, Arr. 3.1.5-2.2, Curt. 4.8.1-2, além de Ps.-Callisth., *Vida e feitos de Alexandre da Macedónia* 1.31-32.

nome daqueles por quem nutria particular afecto; assim fundou, em honra do Bucéfalo, o cavalo com quem tinha partilhado tantas horas de combate e de glória, na margem do Hidaspes, uma cidade a que chamou Bucéfala; e ao seu cão favorito, Peritas, uma outra urbe a que deu o nome do animal (*VA* 61.2-3).

Aos companheiros de armas, Alexandre prestou, sobretudo na morte, homenagens duradoiras, que lhes eternizaram a memória, como a generosidade do doador. São dignos de registo vários monumentos e memoriais ditados por este objectivo. Ficou famoso (*VA* 16.15-16, *AA* 1.16.4) o grupo escultórico, obra de Lisipo, que Alexandre mandou erguer em homenagem aos 25 companheiros caídos em Granico, a primeira batalha que travou na tentativa de rasgar a entrada na Ásia; constituído por 25 estátuas de bronze, ficou primeiro exposto em Dio, a cidade sagrada dos Macedónios; foi mais tarde, em 148 a. C., saqueado por Metelo Macedónico e levado para Roma<sup>23</sup>. Da mesma batalha, que representou o primeiro passo para a concretização bem sucedida da campanha de que os Gregos lhe tinham atribuído o comando, Alexandre deixou registo numa inscrição comemorativa que mandou gravar sobre os despojos (*VA* 16.17-18, *AA* 1.16.7). A estes registos, de carácter prioritariamente político, Plutarco acrescenta outros memoriais onde a marca de envolvimento pessoal é talvez mais visível. A dois dos seus amigos mais próximos, Alexandre homenageou na morte com aparato. Assim Demarato de Corinto, um velho amigo de Filipe (*VA* 9.12-13) como grego favorável aos interesses macedónios, é a voz que, em Plutarco, sublinha o clímax do êxito de Alexandre na Ásia: com emoção, saúda o momento em que o rei macedónio se sentou no trono de Dario (*VA* 37.7, 56.1); em sinal de apreço, o agora rei da Pérsia fez-lhe «um funeral aparatoso, e o exército ergueu em sua homenagem um memorial com um perímetro enorme e oitenta côvados de altura» (56.2). Distinção equivalente lhe deveu Heféstion, um companheiro jovem e próximo, que uma febre vitimou, na Média, para grande pesar de Alexandre; entre outros sinais de luto, «propôs-se gastar, em honra do amigo, 10 000 talentos, querendo que, em tecnologia e em originalidade, a construção ultrapassasse a despesa» (*VA* 72.5).

Um último apontamento é devido à referência que Plutarco faz (*VA* 62.6-8) a esta preocupação de Alexandre, que mostra que o prestígio de um soberano não só se conquista pela valentia, mas também pela imagem e pela memória. Num tempo que foi já, na trajectória do conquistador, de decadência, depois da campanha contra Poro, os companheiros recusaram-se

<sup>23</sup> *Vide* Bosworth (1972) 173. Arriano refere-se ao grupo escultórico como se ele permanecesse em Dio, o que – segundo Bosworth – significaria que estava a transcrever uma fonte, sem ter tido a percepção de que, já há dois séculos e meio, o monumento constituía um dos locais famosos na visita a Roma.

a prosseguir com uma aventura que parecia demasiado exigente; apesar da frustração que sentia, Alexandre foi compelido também à desistência. Não quis, no entanto, que os despojos do acampamento que desmontava deixassem sinal de derrota ou fraqueza; por isso, «mandou fabricar armas maiores, manjedouras enormes e freios mais pesados do que era habitual e deixou-os espalhados por ali». Aos deuses, homenageou com altares; e a comprovar a sensatez desta decisão artificiosa, Plutarco (62.8) testemunha que, ainda no seu tempo, séculos já passados, esses altares continuavam a merecer a veneração dos reis locais, «dos Prásios, quando atravessam o rio, e onde fazem sacrifícios à maneira grega». Além da memória digna de um conquistador, era também uma marca de cultura a que Alexandre deixava para trás.

Mais frágeis na sua compleição, «aladas» no dizer de Homero, as palavras são também elas monumentos e memórias. Desse princípio geral, Plutarco sublinha, sob vários aspectos, a importância. Uma simples palavra, que entra na língua e se torna popular, é um bastião do passado; é o caso de *threskeúein*, um termo relacionado com as mulheres trácias, os ritos órficos e as orgias dionisiacas que celebravam, que o grego «aplicou à celebração de rituais estranhos e supersticiosos» (*VA* 2.8). Associadas entre si, as palavras podem articular-se em ditos penetrantes, breves, mas cuja oportunidade e finura os tornou célebres. Esses são, pelo seu carácter episódico e pessoal, um elemento conforme com o estilo biográfico; de onde a sua profusão em Plutarco, sublinhando etapas significativas na vida de uma personagem paradigmática. Quase criança ainda, o herdeiro real da Macedónia alimentava já sonhos à sua altura; por isso, quando lhe perguntaram se gostaria de concorrer em Olímpia, teria dito (4.10): «Só se tivesse reis por adversários». Da importância essencial, que tiveram para a formação do jovem Alexandre, os ensinamentos de Aristóteles dá conta o dito do discípulo (8.4): «O pai tinha-lhe dado a vida, Aristóteles a arte de viver bem a vida». No momento de, em Corinto, assumir uma opção de carreira, quando os Gregos lhe depositavam nas mãos uma chefia militar que o converteria definitivamente no conquistador de um império, impressionado com o filósofo cínico que lá teve oportunidade de encontrar, Alexandre fez uma reflexão inesquecível (14.5): «Não fosse eu Alexandre, que era Diógenes que eu seria». Já na Ásia, uma boa estrela parecia marcar uma campanha promissora; nesse caso foi um poeta cómico, Menandro (fr. 751 Kock), que deu foros de paradigma proverbial à generosidade com que a própria natureza lhe rasgava caminhos (17.7): «Parece que anda aqui o dedo de Alexandre! É só eu procurar alguém, que o tenho na minha frente como por encanto. E se tiver de atravessar o mar para chegar a um sítio qualquer, o caminho abre-se-me aos pés». Sobre as regras de vida que lhe garantiram a energia e determinação necessárias

a tamanhas proezas dá conta, em discurso indirecto, *VA* 22.6: «Costumava dizer que nada como dormir e ter relações para o fazer sentir-se mortal»<sup>24</sup>. Num crescendo de exigência, Gaugamelos pôs Alexandre diante de Dario e de um potencial militar assustador; aconselhado pelos companheiros a atacar pela calada da noite, para que as trevas iludissem a enormidade do risco, «ficou célebre a resposta que deu: “Não pretendo roubar a vitória”» (31.12). O clímax da realização dos seus objectivos mereceu, da parte de Demarato de Corinto (*vide supra*) uma legenda célebre (37.7, 56.1): «Foram privados de uma enorme alegria os Gregos mortos antes de verem Alexandre sentado no trono de Dario». Por seu lado as mulheres da companhia, querendo associar-se à vitória sobre a Pérsia pelo incêndio do palácio real aqueménida, exprimiram, pela boca de Taís, a cortesã, este registo (38.4): «Na campanha de Alexandre, as mulheres, em nome da Grécia, infligiram aos Persas uma desforra maior do que os generais por mar e terra». No seu conjunto, estes ditos proverbiais, no seu estilo próprio, desenham um roteiro, em ascensão, de um projecto que nasce até à sua consumação plena<sup>25</sup>.

Finalmente a leitura, transmissora privilegiada de registo e memória, era, para Alexandre, um acesso permanente à cultura e aos bons exemplos do passado. Das suas preferências avultava o velho Homero, com relevo particular para a *Ilíada*, que consultava como um verdadeiro manual de arte militar (*VA* 8.2); a edição que dela possuía, anotada por Aristóteles, considerava-a um verdadeiro tesouro, que transportava dentro de um cofre precioso confiscado aos Persas (*VA* 26.2-3) e que mantinha, juntamente com o punhal, debaixo do travesseiro, como as suas duas ferramentas, de combatente e de filósofo. Mas à ocupação dos seus tempos livres (23.3), Alexandre associava também outros autores; em primeiro lugar, os ensinamentos de Aristóteles continuavam-lhe acessíveis em forma escrita (7.6-9), apesar de entre o rei e o mestre haver divergências sobre o princípio da divulgação cultural; se ao filósofo a disponibilização do seu saber parecia necessária e oportuna, mesmo que o leitor competente de uma informação específica não fosse muito alargado, Alexandre entendia que a especialização devia ser património restrito aos estudiosos. Quando afastado nos confins da Ásia, o rei empenhava todos os esforços para dispor de uma pequena biblioteca selecta (8.3); a historiografia de Filisto, autor de uma *História da Sicília*, os trágicos, Ésquilo, Sófocles e Eurípidés, e os ditirambógrafos, Telestes de Selinunte (autor de *Sobre os poetas trágicos* e *Sobre os auletas*) e Filóxeno de Citera (autor de um poema popular,

<sup>24</sup> Cf. Plu. *Moralia* 65f, 717f.

<sup>25</sup> Em *VA* 23.1, Plutarco regista como um hábito pode criar uma tradição ou um comentário e colar uma legenda a uma figura famosa; assim a tendência apontada a Alexandre para o álcool pode ser simplesmente o resultado do hábito que tinha de prolongar conversas após o simpósio – uma versão com que o Queroneu pretende reabilitar a figura do seu biografado.

*Cíclope*, que Aristófanes parodia em *Pluto* 290 sqq.), contam-se entre os seus preferidos<sup>26</sup>.

Uma consideração atenta nos merece, por fim, o conjunto de fontes com que os nossos dois testemunhos sobre Alexandre – Arriano e Plutarco – se confrontaram<sup>27</sup>. Um primeiro impulso para o registo da grande campanha de Alexandre foi da iniciativa do próprio conquistador, num zelo consciente pela memória das diversas etapas da sua grande aventura; para isso rodeou-se de cronistas numerosos que se multiplicaram em narrativas históricas e biográficas, de maior ou menor fidedignidade. Esses testemunhos constituem para os nossos historiador e biógrafo uma fonte previsível.

Arriano é, na valorização de todo esse material, um crítico de enorme préstimo. No Prefácio da *Anábese*, procura hierarquizar a legitimidade relativa dessas fontes. Em sua opinião, os dois cronistas régios mais credíveis são Aristobulo e Ptolemeu<sup>28</sup>; assiste-lhes a legitimidade de terem estado no terreno e de serem testemunhas oculares das ocorrências que narram; a Ptolemeu acresce ainda a vantagem de ter sido também ele rei, o que dá ao seu testemunho a dignidade compatível com o seu estatuto. Por isso se pode aceitar como verídicas todas aquelas versões em que os dois confluem (συνέγραψαν). Se a uniformidade é tomada como garantia de rigor, a discordância<sup>29</sup> deixa à arbitragem de quem a usa uma opção difícil; aí, Arriano parece seguir dois critérios, um historiográfico e outro de estética

---

<sup>26</sup> Vide Lesky (1968) 722.

<sup>27</sup> Para nós as fontes contemporâneas de Alexandre resumem-se a um número escasso de fragmentos e a testemunhos indirectos, citações e referências feitas noutros textos como os que aqui avaliamos.

<sup>28</sup> Aristobulo de Cassandria estava ao serviço de Alexandre, na sua expedição à Ásia, como arquitecto. Foi ele o encarregado de restaurar o túmulo de Ciro. Foi também autor de uma *História de Alexandre*, em tom apologético, que talvez obedecesse ao propósito de defender a memória do rei. Lesky (1968) 798 valoriza o facto de Aristobulo ter escrito a sua narrativa sobre Alexandre quando era já octogenário, o que o terá inibido de ser mais crítico do seu texto. Na opinião de Lesky a valia da informação que deixou não pode ser comparada com a de Ptolemeu. Ptolemeu Sóter, rei do Egipto após a morte de Alexandre e da partilha do seu império, foi fundador da dinastia dos Ptolemeus (VI 38.2), vigente desde 323, data da morte de Alexandre, até 30 a. C., ano da ocupação romana. Era já amigo de Alexandre desde o tempo de seu pai. Acompanhou-o na campanha da Ásia como membro da sua guarda pessoal. Foi também autor de uma *História de Alexandre*, escrita mais tarde, era já Ptolemeu rei do Egipto. Talvez o desejo de clarificar o que se contava sobre Alexandre estivesse nos seus propósitos, convertendo-o na melhor fonte de Arriano. Admite Lesky (1968) 797, que Ptolemeu tenha tido acesso aos «diários de campanha» organizados por Êumenes de Cárdia. Bosworth (1976) 117-139, testemunha a opinião daqueles para quem o relato de Arriano é uma reprodução fiel do de Ptolemeu, e este, por sua vez, uma cópia do diário de campanha a cargo de Êumenes de Cárdia, como também toda a controvérsia em torno desta hipótese.

<sup>29</sup> De facto Arriano é sóbrio no registo de divergências; versões diferentes merecem-lhe atenção apenas quando lhe parecem, em si mesmas, sugestivas.

literária: «Então escolhi a versão que sinto ser a mais credível e também mais digna de ser narrada»<sup>30</sup>. Além destas duas fontes, Arriano neutraliza todas as outras num volume enorme de informações, que um personagem extraordinário como Alexandre não deixaria de suscitar, «muito numerosas e pouco harmoniosas». Neste conjunto, o autor da *Anábase* distingue aquelas cujo testemunho lhe parece credível e digno de referência e que, portanto não deixará de citar; a par de todo um conjunto de vozes, limitadas por condicionalismos vários ou expectativas de vantagens, para quem a verdade não é um critério a ter em conta.

Plutarco, ainda que em termos mais gerais, não deixa de hierarquizar também, de acordo com o critério da fiabilidade, as fontes disponíveis. Sobre a «*Iliada* do cofre», por exemplo, que sempre acompanhava Alexandre, o biógrafo apoia-se na versão de «não poucas testemunhas credíveis» (26.2, οὐκ ὀλίγοι τῶν ἀξιοπίστων μεμαρτυρήκασιν). Mas reconhece igualmente que há quem falseie o que relata, por desígnios que, na sua interpretação, são sobretudo ditados pelo populismo ou gosto pelo fantástico<sup>31</sup>. É verdade que o sucesso quase inverosímil de Alexandre se prestava à imaginação. Assim, «a incursão que fez pela Panfília deu a muitos historiadores<sup>32</sup> matéria para descrições bombásticas e empoladas» (17.6), como aquelas que fizeram do Macedónio um protegido dos deuses. A atestar o sucesso obtido por tais rasgos de fantasia está o facto de as versões mais ousadas se terem prestado a um uso ficcional; até um poeta cómico como Menandro não deixou de aproveitar essa tradição a que deu a leitura de um verdadeiro provérbio; para exprimir a boa estrela de alguém que parece aplanar-lhe todas as dificuldades, o comediógrafo sentenciou (fr. 751 Kock): «Mais parece que anda aqui o dedo de Alexandre!». Se os êxitos conseguidos em vida pelo rei inspiraram fantasias, mais justificadas foram aquelas a que a sua morte abriu caminho. Somando de novo a narrativa historiográfica com a ficção teatral, Plutarco repudia pormenores patéticos que circularam sobre as causas da morte do rei (75.5): «Estes são pormenores que alguns historiadores entenderam dever

<sup>30</sup> Arr. 5.14.3-6 é exemplo de um passo – a campanha contra Poro – em que Aristobulo e Ptolemeu discordam sobre vários pormenores.

<sup>31</sup> Piccirilli (1998) 57, afirma: «A exigência de proporcionar uma reconstrução “histórica” completa ajuda a perceber por que motivo, nas suas *Vidas*, Plutarco refere tradições em que não acredita. (...) O que se diz tem já uma espécie de existência que Plutarco não podia ignorar por escrúpulo de investigador». Em contrapartida, a desconfiança no que se refere ao acesso à verdade revela sentido crítico da parte de Plutarco; em *Per.* 13.16, sublinha a dificuldade que esta preocupação suscita. O principal obstáculo é, desde logo, o tempo, que afasta o narrador dos acontecimentos (critério que partilha com Arriano). Por outro lado, as fontes contemporâneas dos factos são susceptíveis a interesses e sentimentos vários, de inveja ou má vontade por um lado, ou então de adulação.

<sup>32</sup> Calístenes entre outros.



dar, de modo a inventarem, à maneira trágica, um desfecho patético para uma grande acção» (ὥσπερ δράματος μεγάλου τραγικὸν ἐξόδιον καὶ περιπαθὲς πλάσαντες).

Entre as fontes que Plutarco cita, estão também as que Arriano identifica como as mais credíveis, Aristobulo e Ptolemeu<sup>33</sup>, ainda que nenhuma credencial específica lhes seja, neste caso, atribuída (cf. *e. g.* 46.2). Ao indicar as provisões com que Alexandre se preparou para a campanha (15.2), Plutarco cita Aristobulo apenas como um dos informadores disponíveis a par de outros, sem qualquer sinal de preferência; e o mesmo se passa com o balanço dos caídos em Granico, em que a um «diz-se que» se acrescenta, como complementar, o testemunho do mesmo Aristobulo (16.15). Com a complementaridade contrasta a divergência, como a que opõe a versão do referido cronista a muitas outras sobre a forma como Alexandre desatou o nó em Górdio (18.3-4; cf. *AA* 2.3-8); ou, às versões patéticas sobre a morte do rei, a mais racional que o fez vítima «de uma febre altíssima» (*VA* 75.6).

A estes dois nomes, Plutarco acrescenta a menção de vários outros, autores de versões mais ou menos fabulosas, retirando-os do anonimato em que Arriano os tinha deixado<sup>34</sup>; em *VA* 46. 1-2, sistematiza-os: Clitarco<sup>35</sup>, Policlito, Onesícrito<sup>36</sup>, Antígenes, Istro, Cares<sup>37</sup>, Anticlides, Fílon de Tebas, Filipe de

---

<sup>33</sup> Cf. *VA* 46.2. É muito discutido o acesso efectivo que Plutarco terá tido às fontes que cita. Pearson (1955) 429 n. 3, defende mesmo assim que, como homem culto que era, conheceria pelo menos as obras sobre Alexandre que eram discutidas nos círculos filosóficos – as de Calístenes e de Onesícrito, principalmente.

<sup>34</sup> Cook (2001) 333 salienta que a menção nominal das fontes representa em Plutarco um esforço de clareza e não propriamente uma confiança integral nas que cita. A par dos informadores contemporâneos de Alexandre, os que para Arriano são mais dignos de confiança e também preferíveis para o Queroneu, inclui outros posteriores. Pearson (1955) 429, entende que Plutarco não tem uma atitude crítica sobre as fontes que usa, desde que lhe proporcionem pequenas anedotas úteis à biografia.

<sup>35</sup> Clitarco escreveu em finais do séc. IV a. C., já após a morte de Alexandre, uma narrativa que abrangia toda a existência do conquistador como soberano. Cícero (*Brut.* 43) refere-lhe o estilo como *rhetorice et tragice*.

<sup>36</sup> Onesícrito foi autor de um tratado sobre *A educação de Alexandre*, para nós reduzido a uns poucos fragmentos; cf. Cavero, Morillo, Hermida (2007) 34. Trata-se de um filósofo cínico (*VA* 65. 2), que participou na expedição macedónica na Ásia; a narrativa de que é autor segue, de certa forma, o padrão da *Civopedia* de Xenofonte. Na *VA* é citado várias vezes: 8.2, 15.2, 61.1, 65.2. Pontualmente é posta em causa a credibilidade das suas informações; é o caso do teste a que sujeitou, anos mais tarde, o relato sobre o encontro de Alexandre com a rainha das Amazonas perante Lisímaco (rei da Trácia a partir de 305 a. C.); também ele testemunha dos acontecimentos na Ásia, Lisímaco pôde ironizar sobre o que lhe parecia pura fantasia (46.4): «E onde estava eu nessa altura?»; sobre os pormenores do ataque contra a cidadela de Poro, o desmentido veio do próprio Alexandre (*VA* 60.6-7).

<sup>37</sup> Cares de Mitilene foi autor de uma *História de Alexandre*, que parece oferecer algumas dúvidas nas versões que dá. Em *VA* 20.9, a menção que Cares faz de um duelo entre Alexandre e Dario em Isso, pondo em confronto os chefes dos dois campos à maneira épica, é repudiada por Plutarco a partir do testemunho directo de Alexandre. Cf. ainda *VA* 24.14, 54.4, 55.9, 70.2. Dos



Teângela, Hecateu de Erétria, Filipe da Calcídica e Dúris de Samos<sup>38</sup>. Mas, além destes, refere ainda Eratóstenes de Cirene (3.3, 31.5)<sup>39</sup>, Hegésias (3.6)<sup>40</sup>, Aristóxeno (4.3)<sup>41</sup>, Heraclides (26.3)<sup>42</sup>, Calístenes (27.4, 33.1)<sup>43</sup>, Dínon (36.4)<sup>44</sup>, Hermipo (54.1)<sup>45</sup> e Sócion (61.3)<sup>46</sup>.

A todos estes historiadores e biógrafos acrescem inúmeras fontes anónimas, que Plutarco e Arriano referem com um simples «diz-se que, conta-se que» (λέγεται, λέγουσιν, λέγονται, φασιν, e. g. *VA* 2.2, 2.6, 3.1, 4.3, 9.2, 13.3, 14.5, 16.15, 17.4, 26.4, 27.10, 28.5, 32.1, 36.3, 37.2, 37.7, 48.2, 49.12, 52.8, 53.3, 59.1, 65.6, 69.2, 77.2, *AA* 1.9.10, 1.11.7, 1.12.1, 3.2.1). Cook (2001) 329-360 contraria a opinião corrente de que este tipo de fórmula equivalha a descrédito ou suspeição sobre as fontes citadas; defende, em contrapartida, que se trata de «material da tradição que Plutarco usa para ilustrar temas chave nas *Vidas Paralelas*»<sup>47</sup>.

Colocado o problema da maior ou menor credibilidade das fontes,

---

poucos fragmentos restantes se percebe que foi mestre de cerimónias de Alexandre.

<sup>38</sup> Dúris de Samos é também referido em *VA* 15.2. Em *Per.* 28.2-3, Plutarco censura-o pelo gosto de acrescentar às narrativas historiográficas elementos de tom dramático e de não dissimular as suas opiniões pessoais. Logo tendia a falsear as informações. Lesky (1968) 796 confirma-lhe a mesma propensão. Trata-se de um historiador do séc. IV a. C., discípulo de Teofrasto. Foi autor de umas *Histórias* ou *Makedoniká*.

<sup>39</sup> Eratóstenes de Cirene (c. 285-194 a. C.) foi responsável pela Biblioteca de Alexandria, depois de Apolónio de Rodas. Revelou-se um geógrafo eminente, além de ser um erudito versátil. Foi autor de uma *Cronografia*, de uma *Geografia* e de um tratado *Sobre a medida da Terra*. A forma como Plutarco se lhe refere em *VA* 31.5 – «é pelo menos o que conta Eratóstenes» – condiciona-lhe a credibilidade.

<sup>40</sup> Hegésias de Magnésia, autor de uma história de Alexandre, é citado por Plutarco como responsável por uma piada insossa, gelada e ridícula, porque inverosímil. Algo de semelhante diz Cícero (*Orat.* 226).

<sup>41</sup> Aristóxeno de Tarento (nascido em 375 a. C.) esteve em Atenas, onde foi aluno do Liceu de Aristóteles. Era conhecido como especialista em harmonia e música. Foi biógrafo e, segundo Plutarco, autor de umas *Memórias*.

<sup>42</sup> Heraclides de Cime, no séc. IV a. C., foi autor de uns *Persiká*. Mas Heraclides Lembo é também o nome de um historiador do tempo de Ptolemeu VI, que resumiu em seis livros a obra de Sócion.

<sup>43</sup> Calístenes de Olinto era sobrinho de Aristóteles e foi autor de uma história das façanhas de Alexandre (*Alexandrou praxeis*). Nessa qualidade conta-se que terá afirmado que mais importante do que o que Alexandre pudesse fazer seria o que Calístenes dele pudesse contar. A fantasia de que permeou o seu relato justifica que tenha sido apontado como autor de um romance sobre Alexandre.

<sup>44</sup> Dínon de Cólofon, pai de Clitarco e também ele historiador de Alexandre (*vide supra*), remodelou os *Persiká* de Ctésias e deu-lhes seguimento. Esta obra foi muito utilizada pelos historiadores futuros.

<sup>45</sup> Hermipo de Esmirna foi um biógrafo de finais do séc. III a. C. e discípulo de Calímaco.

<sup>46</sup> Sócion de Alexandria escreveu os *Diádocos* no séc. II a. C.

<sup>47</sup> Ainda o mesmo Cook (2001) 343, verifica a relação preferencial de *legetai* com a narrativa de anedotas ou pequenas histórias, naturalmente elementos mais úteis para o desenho do *ethos* de alguém do que como fundamento de verdade histórica.

tentemos avaliar o critério pelo qual Arriano e Plutarco se orientam na prática narrativa. É confortável para qualquer relator contar com a unanimidade das fontes disponíveis, mesmo quando a matéria a narrar inclui elementos de fantástico. É o caso da linhagem de Alexandre, onde a tradição inclui, como é próprio das casas régias ou das famílias aristocráticas, dois heróis, Hércules e Aquiles (*VA* 2.1, *AA* 1.11.8, Diodoro Sículo 17.1.5)<sup>48</sup>; Plutarco (*VA* 2.1) submete-se a este tópico «que não suscita qualquer controvérsia» (τῶν πάνυ πεπιστευμένων ἐστὶ), na sua opinião; mais cauteloso, Arriano atribui à tradição o mesmo assunto, mas no seu λόγος κατέχει, «reza a tradição» (1.11.8) deixa patente alguma inverosimilhança por que a mesma tradição é responsável. Esta que é, naturalmente, uma questão precoce na narrativa estabelece fórmulas expressivas de duas sensibilidades ou propósitos literários – mais crédulo ou tolerante o biógrafo, mais cauteloso o historiador –, em circunstâncias em que a uniformidade dos testemunhos choca com o racionalismo histórico. A divergência repete-se, em termos semelhantes, no relato sobre o tratamento que Alexandre terá dado às mulheres de Dario – mãe, esposa e filhas –, transformadas em suas cativas. Da surpresa do rei persa quando um eunuco lhe garantiu o respeito generoso do conquistador dão conta *VA* 30 e *AA* 4.20, em traços idênticos; não sem que, ao mesmo λόγος κατέχει com que Arriano abre a narrativa, Plutarco contraponha, de forma mais crédula (30.14): «Que tudo se passou e se disse desta forma é consensual entre a maior parte dos cronistas» (φασιν οἱ πλεῖστοι τῶν συγγραφέων)<sup>49</sup>.

Mas reproduzir a controvérsia gerada por determinados episódios pode ser, do ponto de vista de alguns estudiosos<sup>50</sup>, uma estratégia narrativa, contribuindo para dar ao retrato traços mais vivos. Plutarco e Arriano dão voz a estas divergências com um formulário constante: ἕτερος λόγος (*VA* 2.7), ἕτερον δὲ φασιν (*VA* 3.4), ἄλλοι δὲ φασί (*VA* 65.4), οἱ μὲν ... οἱ δὲ (*VA* 19.2, cf. *AA* 2.4.7, *VA* 38.8, 55.9), divergindo da opinião da maioria (18.3-4, 31.6, 61.1, 77.5); ou, baixando ao pormenor, Plutarco assinala o exagero na informação,

---

<sup>48</sup> De acordo com a tradição, Hércules seria o referencial mítico da casa real macedónica, como ascendente de Carano, o fundador, no séc. IX a. C., da dinastia em que Filipe II e Alexandre se integram (*VA* 2.1); por sua vez Neoptólemo, o filho de Aquiles, de regresso de Tróia, passou pela Molóssia, terra de Olímpia, a mãe de Alexandre, onde fundou a dinastia dos Pirriades; cf. *supra* nota 3.

<sup>49</sup> Sobre o aspecto físico de Poro, senhor de um território próspero junto ao Hidaspes, que procurou, em 326 a. C., obstaculizar a travessia e avanço das tropas macedónias, Plutarco (60.12) invoca, em termos semelhantes, a consonância de opiniões: «Grande parte dos historiadores concorda...» (οἱ δὲ πλεῖστοι τῶν συγγραφέων ὁμολογοῦσι). Desta vez, sem discordâncias quanto a um assunto que considera objectivo, Arriano (5.19) limita-se à descrição. Cf. igual versão em D. S. 17.88.4-5.

<sup>50</sup> Picirilli (1998) 54.

aludindo aos que contam por cima ou por baixo, οἱ μὲν ἐλάχιστον λέγοντες ... οἱ δὲ πλεῖστον (15.1).

Sugestivos são os casos em que a arbitragem sobre versões controversas é feita à custa da voz autorizada do próprio Alexandre. E são dois os materiais que beneficiam da sua chancela: os diários de campanha e uma ampla correspondência. Os diários, cuja organização estava a cargo de um secretário (Êumenes de Cárdia foi o encarregado desta tarefa), parecem ter sido registos da vida do rei, das suas ocupações e actividades privadas e públicas (*VA* 23.4, 76.1, 77.1); e não deixa de fazer sentido que existissem. Há, no entanto, quem entenda<sup>51</sup> que se trata de relatos tardios, que não reproduzem documentos oficiais do tempo de Alexandre. O relato da morte, tal como Plutarco e Arriano (*AA* 7.25.1-26.3) o apresentam, exemplifica o estilo lacónico, directo, que corresponde a este padrão de registo<sup>52</sup>. De acordo com outros estudiosos<sup>53</sup>, estes diários mantiveram-se na corte macedónia enquanto Alexandre foi vivo e foram mais tarde levados para Alexandria no Egipto, onde Ptolemeu pôde consultá-los e tornar-se deles uma fonte para Arriano.

São muito insistentes, na versão de Plutarco – de resto como em nenhum outro autor –, as referências à correspondência, privada e pública, que Alexandre mantinha<sup>54</sup>, o que não surpreende pelo carácter pessoal que a muitas delas é atribuído. Qual a fidedignidade destas cartas não o sabemos, mas Plutarco não se limita a fazer-lhes alusão, como também várias vezes lhes cita o conteúdo. Parece ter sido do agrado do monarca desenvolver esta forma de comunicação, antes de mais como via de sedimentação de amizades e relações pessoais. O próprio biógrafo se surpreende com a disponibilidade que o rei tinha para uma correspondência de motivações puramente mesquinhas ou rotineiras (*VA*

<sup>51</sup> Gusmán Guerra (1986) 62.

<sup>52</sup> As duas versões são idênticas, mas diferem no pormenor. Cf. Pearson (1955) 432-433. Nem Plutarco, nem Arriano, porém, nos dizem onde e como puderam consultar os diários. De resto, não são os únicos a citá-los; cf. Plu. *Moralia* 623 e, Ath. 434b, Ael., *História Verdadeira* 3.23. Sobre as hipóteses possíveis de acesso a esse material, *vide* Pearson (1955) 435-440.

<sup>53</sup> *Vide* Nawotka (2010) x.

<sup>54</sup> De resto, Plutarco deixa patente a ideia de que o uso de mensagens proliferava no séc. IV a. C. O próprio Filipe vivia cercado de uma rede semelhante de comunicações. Num mesmo dia, conta *VA* 3.8, excepcionalmente auspicioso, chegaram a Filipe, ausente em Potideia que acabava de conquistar, três mensagens: uma política – a de que Parménion, um dos seus generais, tinha vencido os Ilírios; outra pública também – a de que o seu cavalo saíra vencedor em Olímpia; e uma terceira pessoal, mas afinal ela também de grande alcance político – que o filho, Alexandre, tinha nascido. Arriano vai um pouco no mesmo sentido; cf. 1.25.3, 10. Não há razão para não aceitar a existência de correspondência pessoal e oficial do rei, apesar de todas as dúvidas que as cartas referidas suscitam, sabendo nós a generalização da escrita de cartas de personagens célebres usada, na época helenística, como exercício retórico; as dúvidas sobre a fidedignidade da correspondência aludida são sintetizadas por Pearson (1955) 444-448. Seria interessante saber que tipo de arquivo se fazia destes materiais e que destino lhe terá sido dado depois da morte de Alexandre.

42.1). Contam-se neste número todas aquelas cartas em que se ocupava de escravos em fuga – assuntos de alcance puramente doméstico –, de questões de saúde de algum amigo (8.1, 41.4-7), vítima de doença ou de acidente, a quem aproveitava para sugerir um tratamento ou para manifestar solidariedade; ou aquelas em que reagia a uma proposta, no plano pessoal, que lhe parecia inconveniente (como as que lhe foram feitas por Filóxeno e Hágnon (22.1-3) a sugerir a compra de um rapazinho famoso pela beleza para seu gozo pessoal).

As cartas representaram também, na versão biográfica, um canal de preservação de relações com aqueles que tiveram, na sua formação, um papel relevante e que, por isso, lhe condicionaram os comportamentos e sucessos futuros. Entre estes conta-se, em primeiro lugar, Aristóteles, a quem Alexandre escreveu, «em defesa da filosofia», uma carta expressa em tom reprovador, manifestando a sua discordância pela divulgação em livro de um saber específico, a ser preservado entre especialistas (7.6-9)<sup>55</sup>. A Leônidas, também um mestre da sua adolescência (5.7), homem austero e parente de Olímpia, que lhe ensinara o desprendimento e o rigor de hábitos e costumes, Alexandre escreveu uma mensagem, a acompanhar um presente de mirra, símbolo da abundância a que o sucesso conseguido na Ásia lhe dava direito (25.6-8).

Dos que se moviam no seu círculo privado chegavam-lhe, com frequência, mensagens, ora com uma recomendação, ora com uma denúncia, ora com um pedido. Assim a mãe, Olímpia, da distância da Macedónia, multiplicava as cartas com conselhos sobre a prudência exigida a um soberano agora poderoso, que distribuía pelos seus colaboradores galardões com uma generosidade excessiva e perigosa (39.7-8)<sup>56</sup>. Essa correspondência era por Alexandre mantida em rigoroso sigilo; e se, por casualidade, um colaborador mais próximo lhe tinha acesso, como uma única vez aconteceu com Heféstion, «o rei não o impediu de o fazer, mas tirou do próprio dedo o anel e apôs-lhe o selo nos lábios». Com o sigilo, o soberano acautelava o jogo de intrigas inevitável em qualquer corte, de que a macedónia também sofria. Aquelas cartas em que Antípatro, o regente, denunciava Olímpia, eram pelo rei guardadas e desvalorizadas, em atitude de uma louvável contenção (39.13). Por outro lado, a correspondência estava ligada à concessão de favores régios; ora transmitia um pedido, como a intervenção de Alexandre para o perdão de uma multa que lhe foi encaminhado por um actor da sua preferência (29.5), Atenodoro; ora uma reprimenda a alguém, Fócion de Atenas<sup>57</sup> (39.4), que resistia a receber da generosidade real qualquer distinção.

---

<sup>55</sup> Sobre o teor da correspondência entre Aristóteles e Alexandre, *vide* Nawotka (2010) 41; Maróth (2005) 231-315.

<sup>56</sup> Sobre a correspondência assídua entre Olímpia e Alexandre, *vide* Nawotka (2010) 337.

<sup>57</sup> Fócion era um general e político ateniense célebre pela isenção e modéstia, que Plutarco tomou como motivo de uma das suas *Vidas*. Sobre a relação de Fócion com Alexandre, *vide P hoc*. 18; aí Plutarco narra como Alexandre não conseguiu que Fócion aceitasse os sucessivos

Expressivo é o episódio simbólico que Plutarco dedica a Filipe de Acarnânia, o amigo fiel em quem o rei depositava uma confiança total, apesar das calúnias que lhe chegavam por carta (19.5-8). Das mãos de Filipe, o rei aceitou a poção que o poderia salvar de uma doença mortal, apesar das acusações de conspiração que lhe eram remetidas. Sigilosa até ao momento climático, Alexandre entrega a carta ao visado no justo momento em que bebia o fármaco salvador, no que Plutarco qualifica de «cena fantástica, verdadeiramente teatral», expressiva de uma verdadeira amizade<sup>58</sup>.

Importantes são também as mensagens de natureza política, transmissoras, à distância, de ordens régias, ou sobretudo um registo das novidades e sucessivas etapas que a campanha proporcionava. A comunicação de disposições reais – como a da aplicação de um castigo extremo, a pena de morte (*VA* 22.4-5) sobre um crime de violação; ou a concessão de um benefício, aos órfãos de guerra, que deviam ser galardoados com a *proedria* (71.8) – justifica que Antípatro, o regente na ausência de Alexandre, fosse das suas cartas um destinatário natural<sup>59</sup>. As surpresas que a paisagem percorrida lhe foi revelando mereceram-lhe também registo e divulgação; assim, ao mesmo Antípatro escreveu a dar conta do achado surpreendente do petróleo, uma substância parecida com o azeite, mas paradoxalmente existente em terrenos desprovidos de oliveiras (57.8).

Mas foram sobretudo os sucessos da guerra o que motivou uma abundante correspondência, de foro político e diplomático. Neste plano, Alexandre é colocado a par dos cronistas como mais uma fonte de informação, com uma legitimidade particular em casos polémicos; talvez seja esta mesmo a função literária das cartas nestes momentos: contraporem uma versão mais credível e autorizada à fantasia de outros historiadores. Sobre as dificuldades colocadas pelo avanço do exército, que suscitaram narrativas fantasiosas sempre que os obstáculos foram vencidos, Alexandre preserva uma enorme sobriedade (17.8); a propósito das versões que lhe avantajavam os ferimentos sofridos, reduz-lhes a importância (20.9); ou sobre as respostas oraculares, obtidas junto de Âmon, que lhe atribuíam origem divina, Alexandre prefere, ao contrário de muitos outros cronistas, uma enorme reserva e adia, para uma conversa pessoal com a mãe, os pormenores da revelação obtida (27.8). Os processos diplomáticos justificaram também, em Plutarco, a referência a várias mensagens; de Dario,

---

presentes com que pretendia distingui-lo.

<sup>58</sup> Arr. 1.12.3 refere uma carta que Alexandre teria dirigido aos seus subordinados, para tranquilizar a angústia com que aguardavam a sua convalescença depois do ferimento grave que sofreu na campanha contra os Malos. A angústia criada pela sua longa ausência criou até a suspeita de que a carta tivesse sido forjada pelos oficiais que lhe eram próximos. Embora mais sóbrio na menção da correspondência de Alexandre, Arriano não deixa, mesmo assim, de lhe fazer várias alusões.

<sup>59</sup> *Vide* Gilley, Worthington (2010) 201.

a propor um acordo que evitasse a prossecução da guerra (29.7, 9; cf. Arriano 2.14.2-9)<sup>60</sup>, ou de uma proposta de casamento do Macedónio com a rainha das Amazonas, um boato que Alexandre não confirma (46.3); antes, diz Plutarco, «numa carta a Antípatro, de forma precisa e com todos os pormenores, dizia Alexandre que o rei da Cítia pretendia dar-lhe em casamento a filha; e não fazia qualquer referência à Amazona». Campanhas e batalhas de particular importância justificaram uma mensagem, sem dúvida detalhada, do próprio conquistador (60.1, 11)<sup>61</sup>. Como também a turbulência política, que produziu sinais de conspiração, lhe mereceu registo; a Antípatro aconselhou que arranjasse uma guarda pessoal (39.11)<sup>62</sup>; e não deixou de relatar o golpe de que ele mesmo foi o alvo (55.6-7; cf. Arriano 4.14.1), nomeando os responsáveis e os castigos aplicados. Por fim, no que parecia uma prestação de contas, Alexandre enviou aos Gregos a notícia do êxito da missão de que o tinham encarregado; primeiro valorizando os relatos que corriam sobre o seu ascendente divino (28.2); depois dando conta da vitória alcançada sobre os bárbaros e da liberdade política que estava em condições de devolver à Grécia (34.2)<sup>63</sup>.

Apesar de numerosos, os testemunhos relativos ao perfil e actuação de um indivíduo superior como Alexandre o Grande continuam a deixar, na curiosidade do estudioso moderno, o sabor amargo da dúvida e da controvérsia. Talvez porque a superioridade incontornável de que era dotado o tenha cercado da auréola fantasiosa do mito.

---

<sup>60</sup> Sobre a correspondência entre os dois chefes, *vide* Nawotka (2010) 181-183.

<sup>61</sup> Cf. Arr. 1.10.4.

<sup>62</sup> Decerto para se defender de uma conspiração manobrada por Olímpia. Arr. 7.12.5 e D. S. 17.118.1 referem-se a este mesmo diferendo entre o regente e Olímpia, sem fazerem menção da carta de Alexandre. *Vide* Gilley, Worthington (2010) 201-202.

<sup>63</sup> Pearson (1955) 444 identifica algumas cartas escritas por Alexandre aos Gregos que, porque foram gravadas em pedra, se preservaram. Embora mais sóbrio no que se refere ao frenesi epistolar de Alexandre, Arriano alude, mesmo assim, a uma carta do rei aos Atenienses a propósito da tomada de Tebas, em que pedia a entrega dos Atenienses antimacedónios (1.10.4).

## BIBLIOGRAFIA

- BOSWORTH, A. B., «Arrian's literary development», *CQ* 22/1, 1972, 163-185.
- , «Errors in Arrian», *CQ* 26/1, 1976, 117-139.
- , *From Arrian to Alexander*, Oxford, University Press, 1988.
- BURY, J. B., COOK, S. A., ADCOCK, F. E., *The Cambridge Ancient History VI. Macedon*, Cambridge, University Press, 1969.
- CAVERO, J. B., MORILLO, S. B., HERMIDA, J. M., *Plutarco. Vidas paralelas*, Madrid, Gredos, 2007.
- COOK, B. L., «Plutarch's use of *legetai*: narrative design and source in *Alexander*», *GRBS* 42/4, 2001, 329-360.
- GILLEY, D. L., WORTHINGTON, I., «Alexander the Great, Macedonia and Asia» in J. Roisman, I. Worthington, eds., *A Companion to Ancient Macedonia*, London, Blackwell Publishing Ltd., 2010, 201.
- GUSMÁN GUERRA, A., *Plutarco/Diodoro Sículo. Alejandro Magno*, Madrid, Akal, 1986.
- HAMMOND, N. G. L., *Three Historians of Alexander the Great*, Cambridge, University Press, 1983.
- , *Sources for Alexander the Great*, Cambridge, University Press, 1993.
- KAESSER, C., «Tweaking the real: art theory and the borderline between History and Morality in Plutarch's *Lives*», *GRBS* 44, 2004, 361-374.
- LESKY, A., *Historia de la literatura griega*, Madrid, Gredos, 1968.
- MAGNINO, D., *Plutarco. Vite. Alesandro. Cesare*, Milano, Rizzoli, 1998<sup>11</sup>.
- MARINCOLA, J. M., «Some suggestions on the proem and second preface of Arrian's *Anabasis*», *JHS* 109, 1989, 186-189.
- MARÓTH, M., «The correspondence between Aristotle and Alexander the Great», *Acta Antiqua* 45, 2005, 231-315.
- MOLES, J. L., «The interpretation of the "second preface" of Arrian's *Anabasis*», *JHS* 105, 1985, 163-168.
- MOSSMAN, J. M., «Tragedy and Epic in Plutarch's *Alexander*», *JHS* 108, 1988, 83-95.
- MOSSMAN, J. M., «Plutarch, Pyrrhus and Alexander» in P. Stadter, ed., *Plutarch and the Historical Tradition*, London/New York, Routledge, 1992, 90-108.



NAWOTKA, K., *Alexander the Great*, Cambridge, Scholars Publishing, 2010.

PEARSON, L., «The diary and letters of Alexander the Great», *Historia* 4, 1955, 429-455.

PICCIRILLI, L., «Biografia e storia: il metodo di Plutarco», *SIFC* 91/1, 1998, 39-60.

ROCHA PEREIRA, M. H. da, *Estudos de História da Cultura Clássica I. Cultura Grega*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2012<sup>11</sup>.

ROISMAN, J., WORTHINGTON, I., eds., *A Companion to Ancient Macedonia*, London, Blackwell Publishing Ltd., 2010.

VALGIGLIO, E., «Ἱστορία e βίος in Plutarco», *Orpheus* 8/1, 1987, 50-70.

**Resumo** – Plutarco, *Vida de Alexandre* e Arriano, *Anábase de Alexandre*, são duas opções diferentes - uma biográfica, outra histórica – de abordar a figura do rei Macedónio. Mas ambas confirmam a variedade de registos que cercaram a actividade excepcional do conquistador.

**Palavras-chave** – historiografia, biografia, épica, cartas, monumentos.

**Abstract** – Plutarch, *Life of Alexander*, and Arrian, *Anabasis of Alexander*, are different options – the first one biographical, the other historical – to consider the personality and deeds of the Macedonian king. But both of them make visible the different and numerous kinds of registration they created.

**Keywords** – historiography, biography, epic, letters, monuments.